



3 1761 06557418 8

BRIEF

BX

0003516

A ENCYCLICA

Providentissimus Deus

DO

SANTO PADRE LEÃO XIII

SOBRE OS ESTUDOS BIBLICOS

VERSÃO PORTUGUÊSA SOBRE O TEXTO LATINO

DO

Dr. Luís Maria da Silva Ramos

Do Conselho de Sua Majestade, Lente de Prima,
Decano e Director da Faculdade de Theologia
da Universidade de Coimbra

COÍMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1903

A ENCYCLICA

Providentissimus Deus

A ENCYCLICA

Providentissimus Deus

DO

SANTO PADRE LEÃO XIII

SOBRE OS ESTUDOS BIBLICOS

VERSÃO PORTUGUÊSA SOBRE O TEXTO LATINO

DO


Dr. Luís^z Maria da Silva Ramos, 1841-1921-

Do Conselho de Sua Majestade, Lente de Prima,
Decano e Director da Faculdade de Theologia
da Universidade de Coímbra

COÍMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1903



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

AO

seu collega e amigo

O EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR

Doutor Manuel de Jesus Lino

Sabio professor de exegese e hermeneutica sagrada
na Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra,
Commendador da esclarecida Ordem de Santiago, etc.

O. D. e C.

O auctor.

A quem ler

A Encyclica — *Providentissimus Deus* — que ora damos á estampa, vertida immediatamente do texto original latino, é uma das mais bellas e magistraes que saúu da penna inspirada de Leão XIII.

E, se não houvera tantas e tão profundas Encyclicas deste grande Pontifice, tantos e tão admiraveis documentos e feitos, que tornaram immortal o seu nome venerado e respeitado — tal é o seu prestigio — até pelos proprios inimigos da Igreja, esta só bastaria para lhe dar um logar primacial na ala dos Pontifices, que tanto accrescentaram o poder invencivel da cadeira quasi vinte vezes secular de S. Pedro.

Ao ler-se attentamente a Encyclica — *Providentissimus Deus* — não sabe o assombro o que mais encarecer: se a pureza, a elegancia, a propriedade genuinamente ciceronica da dicção latina, tão esmerada e harmoniosa, se a sublimidade dos conceitos, a justeza e a opportunidade dos mandatos, a

sabedoria mais a prudencia dos conselhos aos professores e alumnos de Estudos biblicos.

Dá-se um facto muito para notar na longa serie das Encyclicas do grande Pontifice: umas são o precedente logico doutras. Assim, a Encyclica — *Aeterni Patris* — em que Leão XIII restaura nas escolas catholicas a aurea doutrina philosophica do aquinatense, é o precedente logico desta em que prepara novos e assignalados triumphos para as sagradas Escripturas. Estudar o livro inspirado, que é o thesouro mais opulento da revelação divina, sem uma larga e sã cultura philosophica, é trabalho quasi perdido ou, pelo menos, de pouco fructo.

Pois não diz o Pontifice que os apologistas e interpretes da Biblia tẽem de vingá-la contra as investidas, de dia para dia mais audazes, do racionalismo, da falsa sciencia e da nova mentira, pomposamente decorada com o titulo de critica superior? E como poderão aquelles terçar armas de rija tempera com os fautores de taes erros, levá-los de vencida, ajuntar novas palmas de victoria ás já alcançadas pela Escriptura na rude lucta que sustentou, durante seculos, contra insidiosos inimigos, se não estão apercebidos com os sãos principios da verdadeira philosophia? Bem o conheceu Leão XIII com o alto criterio do seu espirito superior.

Como adestrado capitão, não quis lançar ao combate os seus fieis soldados, defensores da Biblia, sem primeiro lhes abrir vasto e bem provido arse-

nal, onde pudessem munir-se de armas que lhes garantissem a victoria. É assim que a Encyclica *Aeterni Patris*, preparando os triumphos da palavra de Deus, na ordem natural, preparou os triumphos da Escriptura, que é a palavra de Deus na ordem sobrenatural. Enlaçam-se estas duas ordens, auxiliam-se mutuamente, vivem na mais perfeita harmonia, como oriundas da mesma origem e tendentes ao mesmo fim (sem quebra da sujeição logica da inferior á superior) e constituem uma synthese de admiravel belleza a que chamamos — a verdade catholica.

Tendo a meu cargo, no futuro anno lectivo de 1903 a 1904 a regencia da primeira cadeira de Estudos biblicos, segundo o plano de estudos professados na faculdade de theologia da Universidade de Coímbra (1), intendi ser de grande monta para os meus alumnos, e ainda para os das outras cadeiras da faculdade, a versão portuguésa da Encyclica — *Providentissimus Deus* — porque a ella terei de referir-me nas minhas prelecções. Sei de mais que a presente versão só muito pallidamente reflecte a belleza, a opulencia e propriedade do original latino. Nem eu tentei, que seria empresa

(1) Segundo o programma official do ensino da faculdade de theologia, os Estudos biblicos professam-se em duas cadeiras, a 9.^a *Isagoge geral e archeologia*, e a 12.^a *Isagoge especial, hermeneutica e exegese*.

louca da minha parte, imitar, mesmo de longe, em portugûes de lei, aquelles primores; mas sim trasladar para a nossa formosa lingua, o mais fielmente que pude, o pensamento do grande Pontifice, que elevou á elegancia da lingua latina e, o que é mais, ao progresso dos estudos biblicos e á gloria da Igreja um monumento sabio e immortal como o seu nome.

Coímbra, 14 de julho de 1903.

Dr. Luis Maria da Silva Ramos.

VERSÃO PORTUGUÊSA SOBRE O TEXTO LATINO

DA ENCYCLICA

PROVIDENTISSIMUS DEUS

AOS VENERAVEIS IRMÃOS
PATRIARCHAS, PRIMAZES, ARCEBISPOS E BISPOS
E OUTROS ORDINARIOS
EM PAZ E COMMUNHÃO COM A SÉ APOSTOLICA

LEÃO XIII, PAPA

Veneraveis Irmãos, saude e benção apostolica

1. Deus providentissimo, que por um admiravel designio da sua caridade, elevou o genero humano, desde a sua origem, a participante da natureza divina, e depois, regenerado da culpa e pena universal, o restituiu á pristina dignidade, dignou-se liberalizar-lhe uma graça singular revelando-lhe por meios sobrenaturaes os arcanos da sua divindade, sabedoria e misericordia. E, se bem que na revelação divina ha verdades accessiveis á intelligencia humana, foram todavia reveladas ao homem *para que lograssem ser conhecidas por todos, dum modo expedito, com firme certeza, sem mescla de erro; não porque para taes verdades fosse de absoluta necessidade a revelação divina, mas porque*

Deus em sua infinita bondade ordenou o homem a um fim sobrenatural (1).

Ora, esta revelação sobrenatural está contida, consoante no-lo ensina a crença da Igreja universal, já nas *tradições oraes*, já nos *livros sagrados e canonicos*, assim chamados, por isso que, escriptos *sob o influxo do Espirito Santo, têm a Deus por auctor e como taes foram confiados á sua Igreja* (2). Esta é a crença que, ácerca dos livros de ambos os Testamentos, a Igreja sempre e em toda a parte publicamente professou; e são conhecidos os documentos tão antigos como auctorizados, onde se diz que aquelle Deus que falára primeiramente pelos prophetas, depois por si e, finalmente, pelos apóstolos, esse mesmo é o auctor da Escriptura canonica (3), oraculo e palavra de Deus (4), uma como carta enviada pelo Pae celeste e transmittida pelos apóstolos ao genero humano, peregrino longe da patria (5). Sendo pois tão remontada a excellencia e dignidade das Escripturas, oriundas do proprio Deus, e sendo altissimos os mysterios, designios e maravilhas que

(1) Conc. Vatic., sess. III, cap. II, *De revel.*

(2) Ibid.

(3) S. Aug., *De civit. Dei*, XI, 3.

(4) S. Clem. Rom., I ad Cor. 45; S. Polycarp. ad Phil. 7; S. Iren. *C. haer.* II, 28, 2.

(5) S. Chrys. *In Gen. hom.* 2, 2; S. Aug. *In Ps.* XXX, *serm.* 2, 1; S. Greg. M. ad Theod. Ep. IV, 31.

encerra, é da mais subida excellencia e utilidade aquella parte da sagrada theologia que tem por fim interpretar e defender a doutrina contida nos livros divinos.

Por isso é que Nós, assim como diligenciamos, mediante repetidas cartas e exhortações, promover, e não sem fructo, mercê de Deus, o esplendor de outras disciplinas de grande momento para a gloria de Deus e salvação das almas, assim tambem de ha muito assentamos excitar e recommendar o nobilissimo estudo das sagradas Letras, imprimindo-lhe a direcção que as circumstancias dos tempos reclamam. A sollicitude do nosso *munus* apostolico move-nos e como que nos impelle a que não só seja conhecida com segurança e fructo para a grei christã aquella preclarissima fonte da revelação catholica, mas tambem a que não consintamos que seja nem ao de leve violada por aquelles que, ousada e impiamente, impugnam a sagrada Escriptura ou com fallazes e imprudentes innovações tramam contra ella.

Bem sabemos, V. I., que muitos catholicos, varões de grande engenho e doutrina, se dedicam de boa mente e animo inquebrantavel á defesa dos Livros sagrados ou a tornar mais nitido e vasto o seu conhecimento e sentido. E se louvamos, como é de razão, taes e tão fructuosos trabalhos, não podemos deixar de exhortar instantemente outros varões cujo talento, doutrina e piedade promettem grandes

cousas, a que sigam o louvavel proposito daquelles. É nosso vehemente desejo que seja grande o numero dos defensores das Letras divinas e que permaneçam constantes nesta missão, principalmente os que a graça divina chamou ao sanctuario, pois que a estes com toda a justiça impende a obrigação de as ler com mais diligencia e industria, de as meditar e explicar.

2. A razão principal que torna altamente recommendavel este estudo, não falando já da sua excellencia e do obsequio devido á palavra de Deus, está nos grandes bens que, segundo a promessa infallivel do Espirito Santo, delle dimanam: — *Toda a Escriptura, divinamente inspirada, é util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e aparelhado para toda a obra boa* (1). O exemplo de Christo e dos apostolos mostra-nos que com tal designio nos foram dadas as Escripturas. Jesus Christo — que pelos seus milagres conquistou auctoridade, pela auctoridade mereceu fé, pela fé attrahiu as multidões (2) — costumava appellar para as sagradas Letras como testemunhas da sua missão divina. Com as Escripturas mostra

(1) II Tim. III, 16-17.

(2) S. Aug. *De util cred.* XIV, 32.

que não só é legado de Deus, mas verdadeiro Deus; dellas deduz argumento para ensinar os discipulos e confirmar a sua doutrina, para vingar a sua prégação das calumnias dos detractores, para arguir os phariseus e saduceus e confundir o proprio Satanás, quando impudentemente o tentava; ás mesmas Escripturas recorreu, emfim, nos derradeiros momentos da sua vida mortal, e, depois de resuscitado, as explicou aos seus discipulos até á sua ascensão á gloria do Pae.

Fieis á palavra e mandatos do Mestre, os apóstolos, *ainda que em nome de Christo operavam milagres* (1), hauriram todavia dos Livros divinos aquella extraordinaria efficacia com que diffundiram entre os gentios a sabedoria christã, reduziram a obstinação dos judeus e esmagaram as heresias nascentes. Assim no-lo dizem as prégações apostolicas e nomeadamente as do B. Pedro, onde brilha, deduzido de varias passagens do velho Testamento, firmissimo argumento em prol da nova Lei. O mesmo factó achamos consignado nos Evangelhos de S. Matheus e S. João, nas Epistolas catholicas, e, dum modo brilhantissimo, no testemunho daquelle que se gloria de ter aprendido aos pés de Gamaliel a lei de Moysés e os Prophetas, a fim de que, munido de auxilios espi-

(1) Act. XIV, 3.

rituaes, pudesse confiadamente dizer: *As armas da nossa milicia não são carnaes, mas o poder de Deus* (1). Pelo exemplo, pois, de Christo e dos apóstolos intendam todos, e nomeadamente os alumnos da milicia sagrada, quão grande seja o preço das Letras divinas e com que fervor e piedade devem recorrer a ellas como a um bem provido arsenal, porque não ha, para os que têm de ensinar a doutrina catholica a doutos e indoutos, mais opulenta fonte de provas, nem mais persuasiva demonstração de Deus, bem summo e perfectissimo e das obras que proclamam a sua gloria e bondade. Acerca do Redemptor do genero humano, o magisterio da Biblia é, sobre abundante, duma clarêsa inexcêdível; e com razão affirma S. Jeronymo que — ignorar as Escripturas, o mesmo é que ignorar a Christo (2).

Ha, com effeito, nas Escripturas uma como imagem viva e inspiradora de Christo que nos alenta na adversidade, nos exhorta á prática da virtude e nos incita ao amor divino. Relativamente á Igreja, as sagradas Paginas subministram-nos tantos e tão peremptorios argumentos da sua instituição, natureza, poderes e graças, que S. Jeronymo pode dizer com inteira verdade: — É um baluarte da

(1) S. Hier. *De studio Script.* ad Paulin. ep. LIII, 3.

(2) *In Is. Prol.*

Igreja aquelle que está apercebido com o estudo das sagradas Escripturas (1) —. Para a formação dos costumes e disciplina moral tẽem os varões apostolicos, na Biblia, optimos e abundantes subsidios: preceitos da mais sublime santidade, exhortações opulentas de doçura e efficacia, exemplos insignes de todas as virtudes, a promessa divina duma eternidade de premios e a comminação de penas eternas tambem.

3. Esta virtude propria e peculiar das Escripturas, oriunda da inspiração do Espirito Santo, dá novo realce á auctoridade do orador sagrado, robustece a liberdade apostolica com que deve falar e inspira-lhe uma eloquencia por egual energica e victoriosa. O orador que informa a sua prégação do espirito e da força do verbo divino, esse não prega *só de palavra, mas com efficacia, com a virtude do Espirito Santo, logrando abundante fructo* (2). Procedem mal e desatinadamente os oradores sagrados que, annunciando a palavra de Deus, põem quasi completamente de parte os argumentos divinos, para que nos seus discursos mais avultem as palavras da sciencia e da prudencia humana. Os discursos de taes oradores, por mais

(1) *In Is.* LIV, 12.

(2) *I Thess.* I, 5.

brilhantes que sejam, tornam-se necessariamente aridos e frios, como não os inflamma o fogo da palavra de Deus (1); estão muito longe daquella virtude que informa a palavra divina, *viva e efficaz, mais penetrante que a espada de dois gumes, e que vae até ao intimo da alma* (2). Assentindo ao juízo de graves auctoridades, tenhamos como certo que ha nas sagradas Letras uma eloquencia admiravelmente variada, opulenta e digna dos mais alevantados assumptos. Assim o affirma e largamente demonstra Santo Agostinho (3), assim o confirmam oradores sagrados excellentes e benemeritos que, rendendo graças a Deus, confessam dever o seu renome principalmente ao estudo assiduo e pia meditação da Biblia.

4. Bem conhecidas foram e aproveitadas pelos Santos Padres todas estas riquezas das Letras divinas, por isso lhe tecem incessantes louvores e exaltam os seus fructos. Ás Escripturas recorrem frequentemente, já como a thesouro opulentissimo de celeste doutrina (4), já como a fonte perenne de salvação (5), ora propondo-no-las como ferteis e

(1) Jerem. XXIII, 29.

(2) Hebr. IV, 12.

(3) De doctr. chr. IV, 6-7.

(4) S. Chrys. In Gen. hom. 21, 2; Hom. 60, 3; S. Aug. *De discipl. chr.* 2.

(5) S. Athan. *Ep. fest.* 39.

amenísimos prados onde a grei christã recebe admiravel e delicioso pasto (1). Vem aqui muito a proposito aquellas palavras de S. Jeronymo ao clerigo Nepociano: — «Lê muitas vezes as divinas Escripturas, ou antes, nunca interrompas a lição sagrada, instrue-te para instruires os outros... seja a linguagem do presbytero toda baseada na lição das Escripturas (2)». É tambem o sentir de S. Gregorio Magno, o doutor que mais sabiamente descreveu os *munus* dos pastores da Igreja: — «Para os que se dedicam ao officio da prégaação é de necessidade o estudo assiduo das sagradas Letras» (3).

Apraz-nos recordar a admoestaçã de Santo Agostinho, o qual affirma que — «é vãõ prégador da palavra de Deus aquelle que a não tem gravada em sua alma (4)». O mesmo S. Gregorio Magno ordena aos oradores sagrados que — «antes de recitarem os seus discursos, mettam a mão na sua consciencia, para que não succeda que, condemnando as acções dos outros, a si proprios se condemnem» (5). Seguindo a palavra e o exemplo de Christo que inaugurou a sua vida apostolica *ensinando e praticando*,

(1) S. Aug. Serm. 26, 24; S. Ambr. In Ps. CXVIII, Serm. 19, 2.

(2) S. Hier. *De vit cleric.* ad Nepot.

(3) S. Greg. M. *Regul. past.* II, 11; *Moral.* XVIII, 26.

(4) S. Aug. *Serm.* 179, 1.

(5) S. Greg. M. *Regul. past.* III, 24.

o apóstolo preceitua tal doutrina não só a Timotheo, senão também a toda a hierarchia clerical: *Olha por ti e pela instrução dos outros, insta nestas cousas, porque, procedendo assim, lograrás a tua salvação e a dos proximos* (1). Ha, na verdade, nas sagradas Letras excellentes subsidios, abundantissimos nos Psalmos, para a perfeição propria e alheia, mas que só aproveitam aos de animo docil e attento, de vontade piedosa e rendida á palavrà divina. Não é o mesmo nem de vulgar conhecimento o designio e a traça de todos os livros sagrados; mas, como foram escriptos sob o influxo do Espirito Santo e contêm cousas gravissimas, em muitos logares reconditas e difficeis, havemos necessidade, para as intender e expôr, do — advento (2) — do mesmo Espirito, isto é, das suas luzes e graças que, como instantemente no-lo persuade a auctoridade do Psalmista inspirado, devemos implorar com humilde prece e fielmente guardar mediante uma vida santa.

5. Daqui vem a providencia sobre todo o encarcerimento admiravel com que a Igreja estabeleceu leis sabias e creou instituições, a fim de — conservar no devido acatamento aquelle thesouro celeste dos

(1) I, Tim. IV, 16.

(2) S. Hier. *In Mich.* 1, 10.

livros sagrados que a summa liberalidade do Espirito Santo concedeu aos homens (1). Assim pois determinou a Igreja não só que uma grande parte das Escripturas fosse recitada e piedosamente meditada no officio quotidiano da psalmodia divina, senão tambem que varões idoneos as expozessem e interpretassem nas Igrejas cathedraes, mosteiros e conventos de regulares, onde taes estudos pudessem commodamente estabelecer-se, impondo além disto aos pastores de almas o dever de subministrar aos fieis, ao menos nos domingos e dias sanctificados, o pasto salutar do Evangelho (2). Deve-se ainda ao zêlo e sollicitude da Igreja aquelle culto da Sagrada Escriptura que atravessou sempre vivo todas as edades e sempre fecundo em opimos fructos.

6. E, para dar mais força ao nosso assêrto e ás nossas exhortações, apraz-nos consignar que, desde o alvorecer do christianismo, floresceram no estudo das sagradas Letras muitos varões insignes na sciencia das cousas divinas e em santidade. S. Clemente Romano, Santo Ignacio de Antiochia, S. Polycarpo, discipulos immediatos dos apostolos, e, dentre os apologistas, S. Justino e Santo Ireneu, hauriram principalmente das Escripturas aquella fé, energia

(1) Conc. Trid. sess. V, decret. *Reform.* 1.

(2) *Ibid.* 1-2.

e unção com que, nas suas epistolas e livros, ora defendiam ora recommendavam os dogmas catholicos. Nas mesmas escolas catecheticas e theologicas instituidas em muitas Sés episcopaes, nas celeberrimas cathedras de Alexandria e Antiochia, abertas ao ensino, o magisterio quasi todo se resumia na leitura, exposição e defesa da palavra de Deus escripta. De taes institutos saíu uma legião de Padres e escriptores cujo talento fecundo e obras de subido valor, durante o longo periodo de três seculos, mereceram que áquella epocha fosse dado, e com toda a justiça, o titulo de idade aurea da exegese biblica. Entre os orientaes occupa um logar primacial Origenes, admiravel pela prespicacia do seu talento e tenacidade no estudo. Aos seus muitos escriptos, á sua momentosa obra das *Héxaplas*, recorreram quasi todos que se lhe seguiram. Ha a accrescentar a estes uma numerosa phalange de escriptores que alargaram o ambito da exegese, sobresaíndo, entre os mais distinctos, em Alexandria, Clemente e Cyrillo; na Palestina, Eusebio e Cyrillo de Jerusalem; na Cappadocia, Basilio Magno e os dois Gregorios, Nazianzeno e Nysseno; em Antiochia, aquelle João Chrysostomo em cuja penna de exegeta a excellencia da doutrina disputa primazias com a sublimidade da eloquencia. Não menor é o esplendor da exegese no Occidente. Entre os muitos que tanto se avantajaram nesta disciplina fulgem os nomes de Hilario e Ambrosio, de Leão

e Gregorio Magno, e, com brilho especial, os de Agostinho e Jeronymo; o primeiro, de admiravel agudeza de engenho na investigação do sentido da palavra de Deus e de não menos admiravel fecundidade em deduzir da mesma palavra divina argumentos em prol da verdade catholica; o segundo, notavel pela sua rara erudição biblica e momentosos trabalhos escripturisticos, bem mereceu que a Igreja o proclamasse Doutor maximo.

7. Desde então até ao seculo xi, ainda que os estudos biblicos não lograram aquelle esplendor, nem produziram aquelles fructos que nos seculos idos, floresceram todavia, principalmente nas obras de escriptores ecclesiasticos. Cuidaram estes com effeito em colleccionar o que de mais importante escreveram os antigos, em dispô-lo ordenadamente, e enriquecê-lo de novas investigações, e taes foram os trabalhos de Isidoro de Sevilha, de Beda e Alcuino principalmente; em illustrar de glossas os sagrados codices, como fizeram Valafridio e Anselmo de Laon; em firmar com novos argumentos a integridade do texto sagrado e este foi o trabalho de S. Pedro Damião e Lanfranco.

No seculo xii muitos theologos houve que cultivaram com merecido louvor a exposição allegorica da Sagrada Escriptura; a todos porém se avantajou S. Bernardo, cujos sermões são, na sua quasi totalidade, extrahidos das sagradas Letras.

8. Mas novos e mais auspiciosos incrementos produziu a disciplina dos *escolasticos*. E, se bem que estes procuraram estabelecer a lição fiel da versão latina, como no-lo attestam as suas *Correcções biblicas*, foi todavia seu principal cuidado interpretar e explanar o sagrado texto. Ninguém até então conseguiu expôr com mais ordem e clareza os varios e distinctos sentidos da palavra divina, a sua força probativa nas demonstrações theologicas, a divisão e o argumento dos Livros santos, o escopo dos seus auctores, o nexó intimo entre os diversos pensamentos biblicos, e é evidente que tudo isto derrama abundante luz sobre os logares obscuros da Escriptura. Além de que, da doutrina dos escolasticos, tão selecta como copiosa, muito se aproveitaram os tractados de theologia e os commentarios escripturisticos; e ainda nestes trabalhos a todos leva a palma S. Thomás de Aquino.

Todavia, depois que Clemente V, Nosso predecessor, dotou o Atheneu de Roma e algumas Universidades famosas de cathedras para o magisterio das linguas orientaes, prestes os escolasticos se dedicaram com novo fervor ao estudo do codice original e versão latina da Biblia. O estudo dos monumentos da literatura grega e o feliz advento da imprensa rasgaram vastos horizontes ao culto da sagrada Escriptura. Pasma-se de assombro ao ver como em tão breve espaço de tempo se diffun-

diram por todo o orbe catholico innumeraveis exemplares impressos da Biblia, principalmente da *Vulgata*. Eram glorificados e amados os Livros divinos no mesmo tempo em que os inimigos da Igreja a perseguiam com calumnias.

9. Não devemos passar em silencio os momentosos serviços que, desde o Concilio de Vienna ao de Trento, prestaram aos estudos biblicos muitos varões de utos, especialmente das differentes familias religiosas. Dotados de vasta erudição e agudo engenho e aproveitando-se de novos subsidios, não só augmentaram as riquezas accumuladas dos seus maiores, senão que tambem prepararam o esplendor do seculo xviii em que pareceu reviver a edade aurea dos Padres. Ninguem ignora, e é para Nós sobremodo agradavel recordá-lo, que aos Nossos predecessores, desde Pio IV a Clemente VIII, se devem as insignes edições das antigas versões *Vulgata* e *Alexandrina*, que ao depois se tornaram de uso commum em virtude do mandato de Sixto V e do mesmo Clemente VIII. É sabido ainda que pelo mesmo tempo foram dadas á estampa, escrupulosamente revistas, não só outras versões antigas da Biblia, mas tambem as polyglotas de Anvers e Paris, de grande subsidio para a investigação do genuino sentido; que não ha livro do antigo e novo Testamento que não tivesse habeis expositores, nem questão difficil da Biblia sobre a qual se não exer-

cêsse o talento de muitos, entre os quaes alcançaram brilhante renome não poucos, profundamente lidos nas obras dos santos Padres.

Não esmoreceu, felizmente, a sollicitude dos nossos exegetas. Em nome da philologia e sciencias analogas, o *racionalismo* insurgiu-se contra as Escripturas; com armas da mesma tempera muitos homens distinctos e benemeritos dos estudos biblicos vingaram aquelles livros divinos dos sophismas com que eram impugnados.

Quem ponderar estes factos á luz duma critica imparcial certamente confessará que a Igreja, sem ter necessidade de incitamentos estranhos, sempre se desvelou em providencias, a fim de que as Escripturas divinas fossem outras tantas fontes de salutar doutrina para seus filhos; que sempre conservou e illustrou com preciosos estudos aquelle baluarte para cuja defesa e gloria a mesma Igreja foi divinamente instituida.

10. Mas o designio que intentamos, V. I., exige que pratiquemos comvosco sobre o que mais convem á boa orientação dos estudos biblicos. O que primeiramente devemos averiguar é quaes os adversarios com quem temos de combater, quaes as armas e ardís em que mais confiam. Assim como nos tempos idos a lucta principal foi contra os sectarios do livre exame que, rejeitando as tradições divinas e o magisterio da Igreja, proclamaram a Escriptura

como unica fonte da revelação e juiz supremo da fé, assim tambem hoje a momentosa pugna é contra os racionalistas, oriundos do protestantismo, os quaes, baseando-se no seu proprio juizo, rejeitam completamente essas reliquias da fé christã que os seus precusores ainda respeitaram.

De feito, para os racionalistas a revelação, a inspiração, a propria Escriptura não passam de invenções e artificios humanos; as narrações biblicas não têm realidade objectiva, são fabulas ineptas ou historias puramente subjectivas; as prophcias ou foram feitas depois de realizados os factos que annunciam, ou são previsões naturaes; os milagres nem merecem tal nome, nem manifestam um poder divino, são factos em certo modo admiraveis, não excedem as forças da natureza e são puros mythos; os Evangelhos e demais escriptos apostolicos não são dos auctores a quem se attribuem. E tentam impôr tão monstruosos erros, com que julgam destruir a verdade sacrosanta dos Livros divinos, invocando os decretos duma tal *sciencia livre*, mas que é tão incerta para os proprios racionalistas que os induz a flagrantes contradicções ou a mudar de sentir sobre o mesmo ponto. Ao passo que taes homens sentem e escrevem tão impiamente de Deus, de Christo, do Evangelho e demais livros da Escriptura, muitos ha dentre elles que se decoram com o titulo de theologos christãos e evangelicos, escondendo assim, com

aquelle nome de muita honra, a temeridade dum talento cheio de soberba. Collaboram com estes muitos cultores doutras sciencias, egualmente adversarios intolerantes da revelação, auxiliando-os na lucta contra a Biblia. Não podemos deplorar quanto merece ser deplorada esta guerra sem treguas que de dia para dia se alastra com mais vehemencia. Investem os racionalistas contra os eruditos que facilmente podem aperceber-se contra os seus ataques, mas investem sobretudo contra a turba dos indoutos com as insidias e astucias proprias de tão funestos inimigos. Nos seus livros, opusculos e jornaes propinam mortal veneno; insinuam-no nos seus congressos e discursos; invadem tudo, assenhoream-se de muitas escolas arrancadas á tutela da Igreja, onde inspiram ás doceis e tenras intelligencias dos jovens o desprezo das Escripturas, expondo-as miseravelmente ao ridiculo com facecias e chocarrices. Estes são os factos, V. I., que devem inflammar o zêlo de todos os pastores, a fim de que não só a essa nova, mas *falsa sciencia* (1) se opponha aquella antiga e verdadeira sciencia que a Igreja recebeu de Christo por meio dos apóstolos, mas tambem surjam apologistas idoneos da sagrada Escriptura, já que a lucta é de tamanhas proporções.

(1) I, Tim. VI, 20.

11. Seja pois o nosso primeiro cuidado que nos Seminarios e academias se professe o estudo das Letras divinas consoante o exigem assim a excellencia daquella disciplina, como as necessidades dos tempos actuaes. Para lograr este fim haja todo o escrupulo na escolha dos mestres, como nem todos são dignos de tão ardua missão, mas só aquelles que amam fervorosamente a Biblia, a estudam sem cessar e tẽem a conveniente preparação scientifica. Nem menor deve ser o cuidado e escrupulo com que devem ser educados os que hão de succeder no magisterio daquelles. É por isso conveniente que, dentre os alumnos que concluíram com louvor o curso theologico, se escolham, onde for possivel, os de mais decidida vocação para os estudos biblicos e se lhes facultem os meios necessarios a fim de que possam lograr um profundo conhecimento das Escripturas. Assim escolhidos e formados, podem confiadamente exercer o magisterio; e, para que este seja o que deve ser e produza abundantes fructos, julgamos opportuno entrar em mais largas considerações.

12. Logo desde o principio do seu magisterio examinem os professores a aptidão intellectual dos alumnos, cultivem-na esmeradamente e procedam de modo que os habilitem assim para defenderem os Livros divinos, como para extrahirem delles o verdadeiro sentido. Este é o fim da chamada *Intro-*

dução Biblica que subministra ao alumno abundantes argumentos para demonstrar a integridade e auctoridade dos Livros sagrados, para investigar e expôr o seu genuino sentido e para destruir pela raiz as cavillações com que os impugnam. É desnecessario ponderar que é de grande momento a discussão methodica e scientifica destes pontos, aos quaes a theologia presta optimos subsidios, como o tratado da Escriptura se firma naquelles fundamentos e se esclarece com aquellas luzes.

13. Applique-se depois o professor, e nisto empenhe todo o seu zêlo, á exegese, que é a parte mais importante do seu magisterio, ensinando aos seus discipulos como podem converter em proveito da religião e da piedade as riquezas da palavra divina.

Bem sabemos que nem a vastidão da materia, nem a estreiteza do tempo permitem que se estudem nas escolas todos os livros canonicos; todavia, attenta a necessidade de methodo para o estudo da exegese, fica á prudencia do professor evitar os extremos daquelles que ou analysam certas pericopas em todos os livros da Escriptura, ou dos que gastam todo o tempo na analyse duma determinada passagem num só livro. Se pois na maioria das escolas não se pôde fazer a analyse detida dum ou doutro livro canonico, como se faz nas academias de ensino superior, ao menos empenhem-se os pro-

fessores em dar uma instrução acabada das pericopas que escolheram para estudo exegetico, a fim de que os alumnos, assim doutrinados com tal tirocinio, possam ao depois fazer trabalho seu sobre os demais livros da Escriptura, cuja lição devem sempre amar.

14. Fiel ás antigas tradições, ao professor impende o dever de usar da versão *Vulgata* que, sobre ser recommendada pelo uso quotidiano da Igreja, deve ter-se, segundo o decreto tridentino, como *authentica, nas lições publicas, nas predicacões, nas discussões e analyses* (1). Não queremos dizer com isto que se ponham de parte as outras versões, tão usadas e encarecidas pela antiguidade christã, e muito principalmente os codices primitivos. Se o sentido é claro na *Vulgata* latina, não é necessario recorrer á versão donde foi immediatamente traduzido; se, porém, é ambiguo e obscuro, aconselha Santo Agostinho o recurso á versão hebraica ou grega, consoante o texto latino é vertido daquella ou desta lingua (2). É manifesto que muito cuidada deve ser a circumspecção neste ponto, pois que -- «é officio do interprete expôr não o seu sentido, mas o do auctor que interpreta» (3).

(1) Sess. IV, decret. *De edit. et usu sacr. libror.*

(2) *De doct. chr.* III, 4.

(3) S. Hier. *ad Pammach.* ep. 48, 17.

15. Ponderada attentamente, quando necessario, a genuina lição, está aberto o caminho para investigar e expôr o sentido. Depois, a primeira industria é observar as boas regras hermeneuticas, commummente usadas, e com tanto maior cuidado quanto mais viva e tenaz for a controversia com os adversarios. Para tal effeito, é de necessidade ponderar o valor das palavras, o contexto, os logares parallellos... revestindo todos estes meios hermeneuticos duma erudição a proposito, mas parcimoniosa; que não succeda malbaratar o tempo e o trabalho que se devia dedicar ao conhecimento dos livros divinos, ou que a accumulção de ideias sobre varios pontos vá prejudicar o aproveitamento dos alumnos em vez de lhes ser auxilio.

16. Com este methodo, o uso da sagrada Escripura será de grande efficacia nas demonstrações theologicas. Não esqueçamos nunca que, além das causas de difficuldade que ordinariamente occorrem para a intelligencia dos livros antigos, ha outras peculiares dos Livros sagrados. Escriptos sob o influxo do Espirito Santo contêm mysterios altissimos que transcendem a esphera da razão humana e muitas outras verdades intimamente ligadas com elles; umas vezes o sentido é mais lato e recondito do que a letra e as leis hermeneuticas parecem indicar, outras vezes o sentido literal occulta outros sentidos de muito alcance já para

illustrar o dogma, já para persuadir os preceitos moraes.

Não é pois de admirar que os Livros sagrados appareçam envolvidos em certa obscuridade religiosa, de modo que ninguem ouse estudá-los sem luz que lhe allumie os passos (1). Assim o dispôs a providencia divina, no sentir commum dos Santos Padres, para que os homens os estudassem com mais vontade e diligencia e ficassem profundamente gravados em sua alma os conceitos havidos com esforço, e, sobre tudo, intendessem que Deus confiou as Escripturas á sua Igreja, como a mestra e guia segura e interprete fiel da sua palavra. Em verdade, onde os dons de Deus, ahi é que deve aprender-se a verdade; onde a successão apostolica ahi é que está o magisterio innerrante das Escripturas, como no-lo diz Santo Ireneu (2). Esta doutrina, que é a de todos os Padres, proclamou-a o Concilio do Vaticano, quando renovou o decreto tridentino ácerca da interpretação da palavra de Deus escripta: — *É crença do Concilio que em pontos de fé e costumes, atinentes á edificação da doutrina christã, deve ter-se como verdadeiro sentido da sagrada Escriptura aquelle que sempre professou e professa a Santa Madre Igreja, a quem*

(1) S. Hier. ad Paulin. *De studio Script.* ep. LIII, 4.

(2) C. haer. IV, 26, 5.

pertence julgar do verdadeiro sentido e interpretação das Escripturas santas; e porisso a ninguem é licito interpretar a Escriptura sagrada contra aquelle sentido ou ainda contra o consenso unanime dos Padres (1).

17. Com tal doutrina, toda informada duma alta sabedoria, a Igreja, longe de obstar aos progressos da verdadeira sciencia biblica, antes os fomenta, pondo-os a bom recato contra todo o erro. Na verdade, fica aberto a todo o interprete largo campo onde pôde exercer seguramente a sua actividade e com grande proveito para a Igreja. Nos logares da sagrada Escriptura, cujo sentido ainda não está determinado dum modo certo e seguro, pôde proceder por fórma que os seus estudos sejam, por suave designio da providencia divina, outros tantos subsidios para que a Igreja pronuncie o seu juizo supremo; nos logares, porém, cujo sentido já está definido, pôde prestar ainda grandes serviços, tornando-o quer de mais facil intelligencia para os rudes, quer mais brilhante para os doutos, quer, finalmente, mais persuasivo para reduzir e levar de vencida os adversarios. Por tanto, é dever sagrado de todo o interprete catholico ajustar-se a

(1) Sess. III, cap. II, *De Revel.*, Cf. C. Trid. sess. IV, decret. *De edit. et usu sacr. libror.*

esta norma: os logares da sagrada Escriptura, cujo sentido foi authenticamente determinado quer pelos agiographos divinamente inspirados, como succede em muitos logares do novo Testamento, quer pela Igreja assistida do Espirito Santo, quer por *um juizo solemne, quer pelo magisterio ordinario e universal da mesma Igreja* (1), não são susceptiveis doutra interpretação; demonstrando, pelos subsidios de que dispõe, que tal interpretação é a unica que se compadece com as leis duma sã hermeneutica. Quanto aos outros logares, a norma suprema é seguir a analogia da fé e a doutrina catholica tal como é proposta pela Igreja, pois que, sendo Deus o unico auctor dos Livros sagrados e da doutrina confiada ao magisterio da mesma Igreja, é impossivel que seja deduzido das regras duma legitima interpretação o sentido opposto áquella doutrina. Infere-se daqui que deve rejeitar-se como inepta e falsa aquella interpretação que de qualquer modo torne contradictorios entre si os auctores inspirados ou collida com a doutrina da Igreja.

18. Brilhe pois no professor de hermeneutica sagrada não só uma solida sciencia de toda a theologia, senão tambem um profundo conhecimento dos commentarios dos Santos Padres e Dou-

(1) Conc. Vatic. sess. III, cap. III, *De fide*.

tores, e das obras dos interpretes auctorizados. Isto recommenda S. Jeronymo (1) e com grande encarecimento Santo Agostinho, que, com justa queixa, exclama: — «Se qualquer disciplina, por mais humilde e facil que seja, demanda, para ser entendida, um preceptor ou mestre, haverá nada mais temerario e soberbo que tentar conhecer os Livros divinos, rejeitando os seus interpretes?» (2). O mesmo sentiram e confirmaram com o seu exemplo os demais Padres, que «na investigação do sentido das Escripturas seguiam não o seu proprio juizo, mas os escriptos e auctoridade de seus maiores, como estes receberam da successão apostolica a regra da genuina interpretação» (3).

19. O ensino dos Santos Padres que «depois dos Apostolos propagaram a santa Igreja, instruindo-a com o seu magisterio, edificando-a com as suas virtudes, accrescentando-a com a sua doutrina» (4), é de summa auctoridade sempre que todos são unanimes em explicar do mesmo modo um dado logar biblico relativo á fé ou á moral, porque naquella unanimidade nitidamente resplandece o facto de que tal ensino é, segundo a fé catholica, de proce-

(1) Conc. Vatic. sess. III, cap. III, *De fide*, 6-7.

(2) Ad Honorat. *De utilit. ered.* XVII, 35.

(3) Rufin. Hist. Eccl. II, 9.

(4) S. Aug. C. Julian. II, 10, 37.

dencia apostolica. Deve ter-se ainda em grande preço o ensino dos Padres sobre o mesmo logar biblico, quando falam como doutores particulares, porque não só a sua remontada sciencia da doutrina revelada e opulenta erudição, de grande momento para a intelligencia dos livros sagrados, os torna altamente recommendaveis, senão tambem porque Deus auxiliou com mais vivas luzes e graças aquelles varões insignes em sciencia e santidade. Se pois o interprete quer ser digno deste nome siga com respeito os exemplos dos Santos Padres e estude com intelligente criterio as suas obras.

20. Nem se diga que, procedendo assim, não pôde ir mais além, pois que, sendo necessario, deve progredir nas suas investigações, comtanto que preste rendido obsequio áquelle sabio preceito de Santo Agostinho, a saber: — «que nunca devemos abandonar o sentido literal e obvio, salvo se uma razão grave ou a necessidade nos obrigam a abandoná-lo» (1), preceito este que deve observar-se tanto mais firmemente quanto é certo que, neste *mare magnum* de opiniões e desenfreada ambição de novidades, ha perigo imminente de errar. Tenha tambem o interprete todo o cuidado em não des-

(1) *De Gen. ad litt.* I, VIII, c. 7, 13.

prezar o sentido allegorico e analogico que os mesmos Padres deram, por translação, a alguns logares biblicos, mormente quando tal sentido se deduz do literal e tem em seu abono a auctoridade de muitos. Este modo de interpretar recebeu-o a Igreja dos Apostolos, e ella mesma o confirmou com o seu exemplo, como no-lo attesta a liturgia. Nem os Padres usaram do sentido allegorico para demonstrar os dogmas da fé, mas porque por experiencia sabiam que tal sentido era de muito fructo para fomentar a virtude e a piedade.

21. É de menos conta, certamente, a auctoridade dos demais interpretes catholicos; todavia, como os estudos biblicos têm progredido muito na Igreja, é justo que se preste a devida honra aos commentarios daquelles interpretes, pois que grandes subsidios prestam para vingar o genuino sentido e muita luz derramam sobre os logares mais difficeis. O que de modo algum convém é que se desconheçam ou desprezem as excellentes obras que os nossos nos legaram, se prefiram as dos hereges e se procure nelles, com perigo evidente da sã doutrina e não raro detrimento da fé, a explicação dos logares que o talento e os escriptos dos catholicos já de ha muito explicaram optimamente. Se é verdade que as obras dos hereges usadas com prudencia, podem algumas vezes auxiliar o interprete catholico, é tambem verdade, como no-lo attes-

tam numerosos documentos dos nossos maiores (1), que, fóra da Igreja, nunca podemos achar o sentido incorrupto das sagradas Letras, nem tal sentido póde ser alcançado por aquelles que, privados da verdadeira fé, conhecem apenas muito superficialmente as Escripturas (2).

22. O que sobre tudo é muito para desejar, necessario mesmo, é que o uso da sagrada Escriptura seja como que a alma de todas as acções da theologia e as informe; que tal é a doutrina professada e praticada pelos Padres e theologos preclarissimos de todos os tempos. Procuraram elles, com effeito, estabelecer e demonstrar com argumentos tirados principalmente das sagradas Letras as verdades dogmaticas e as que destas se deduzem; aos mesmos Livros divinos recorreram e ás tradições apostolicas para refutar as novas fabulas dos hereges e investigar a razão, o sentido e o nexos dos dogmas catholicos. E não estranhemos que assim seja, pois é tão distincto o logar que os Livros divinos occupam entre as fontes da revelação que, sem o seu estudo e uso assiduo, a theologia não póde ser cultivada como deve sê-lo, nem con-

(1) Cfr. Clem.-Alex. *Strom.* VII, 16; Orig. *De princ.* IV, 8; *In Levit. hom.* 4-8; Tertuli. *De praescr.* 15, seqq.; S. Hilar. Pict. *In Matth.* XIII, 1.

(2) S. Greg. M. *Moral.* XX, 9.

siderada com a dignidade que merece. Nada mais justo que os alumnos das academias e escolas sejam doutrinados na sciencia dos dogmas e que, mediante ordenada discussão, deduzam dos artigos de fé outras verdades, segundo as normas duma philosophia solida e digna deste nome; todavia, o theologo erudito e grave nunca deve desprezar a demonstração dos dogmas, deduzida da auctoridade da Biblia. «A theologia não recebe os seus principios das outras sciencias mas immediatamente da revelação divina. Por isso nada recebe das outras sciencias como se estas lhe fossem superiores, mas serve-se dellas como de inferiores e subalternas». Este é o methodo do magisterio da sciencia sagrada, proposto e encarecido pelo principe dos theologos, S. Thomás de Aquino (1). Conhecendo a fundo a indole da theologia christã, ensinou o aquinatense como é que o theologo póde defender os seus principios, quando impugnados. «Nas controversias, se o adversario admite alguns principios revelados, então assim como argumentamos contra os hereges com a auctoridade da Escriptura, assim tambem com um artigo de fé podemos argumentar contra os que negam outro. Se porém o adversario nada admite do que a revelação ensina, ainda que não podemos argumentar com a razão para demon-

(1) *Sum. theol.* p. I, q. 1, a. 5 ad 2.

strar artigos de fé, podemos todavia refutar com a razão os seus argumentos, se alguns adduz contra a fé» (1).

23. Assim, pois, cuide-se com esmero que os alumnos se preparem para a lucta convenientemente apercebidos e doutrinados nos estudos biblicos, para que não sejam frustradas as nossas esperanças, e, o que seria peor, para que, incautos, não fiquem expostos ao perigo de erro, illudidos pelas fallacias e falsa erudição dos racionalistas. E adestrar-se-hão denodados apologistas se, tomando o caminho que Nós lhes indicamos, cultivarem religiosamente e conhecerem a fundo a philosophia e a theologia, segundo a mente de S. Thomás. Deste modo caminharão com passo seguro já nos estudos biblicos, já na theologia *positiva*.

24. Expôr, demonstrar e illustrar a doutrina catholica, por meio duma legitima e esmerada interpretação dos Livros sagrados é, certamente, empresa de remontado alcance; ha todavia outra de tão grave momento como ardua, e é: demonstrar dum modo invencivel a auctoridade absoluta das Escripturas. Tal demonstração só a poderá fazer o magisterio authenticico da Igreja, á qual *por si mesma, pela sua admiravel propagação, exímia san-*

(1) *Ibid.* a. 8.

tidade e inexaurível fecundidade em todos os bens, pela sua unidade catholica e invencível estabilidade é um grande e perpetuo motivo de credibilidade e um testemunho irrefragavel da sua missão divina (1). E, porque o magisterio da Igreja, divino e infalível, se baseia ainda na auctoridade da sagrada Escriptura, o primeiro cuidado será demonstrar directa e indirectamente que aquelle livro é digno de fé, ao menos humana. Com as Escripturas, como testemunhas fidedignas da antiguidade, demonstra-se peremptoriamente a divindade e a missão de nosso Senhor Jesus Christo, a instituição da hierarchia da Igreja, o primado conferido a Pedro e aos seus successores. É por isso de summa conveniencia que muitos soldados da milicia sagrada combatam pela fé e repillam as investidas dos inimigos da Biblia, revestidos sobre tudo da armadura de Deus, tão recommendada pelo apostolo (2) e apercebidos contra os embates e armas novas dos inimigos. Eloquentemente S. João Chrysostomo, falando dos deveres sacerdotaes: — «Grande zêlo devemos empregar a fim de que *a palavra de Christo habite abundantemente em nós* (3); não nos contentemos com estarmos prestes para um só genero de lucta; a guerra toma diversas phases e são muitos

(1) Conc. Vatic. sess. III, c. III, *De fide*.

(2) Eph. VI, 13 seqq.

(3) Cf. Col. III, 16.

os inimigos; nem todos usam armas da mesma traça; não é uma só a estratégia com que intentam combater-nos. Torna-se por isso necessario que, se alguém quizer bater-se com todos, conheça as armas e as industrias de todos; que seja sagittario e fundibulario, tribuno e commandante de manipulo, general e soldado, infante e cavalleiro, marinheiro e adestrado no ataque ás praças fortificadas. Se não conhece todos os artificios biblicos, sabe o diabo ordenar aos seus lobos que, pela parte desguarnecida, arrebatam as ovelhas» (1). Quaes as fallacias e variados artificios dos adversarios nos seus ataques contra a Biblia, já os indicamos; resta-nos dizer dos meios de defesa.

25. O primeiro é o estudo das antigas linguas orientaes e da arte critica. E como estas disciplinas são actualmente de grande importancia e muito encarecidas, o professor ecclesiastico que as cultive com maior ou menor desinvolvimento, consoante as circumstancias do logar e das pessoas, com mais aproveitamento poderá exercer o seu honroso magisterio, porque deve ser *tudo para todos* (2) e prestes sempre *para responder ao que lhe peça a razão da esperança que manifesta* (3). Torna-se pois

(1) *De sacerdotibus*. IV, 4.

(2) I, Cor. IX, 22.

(3) I, Petr. III, 15.

necessario para os mestres da sagrada Escriptura, e é conveniente para os theologos, o conhecimento das linguas em que os livros canonicos foram primitivamente escriptos pelos agiographos; e seria muito para desejar que tambem as cultivassem os alumnos theologos, nomeadamente os que aspiram aos graus academicos. Egualmente é necessario que em todas as academias, imitando o louvavel exemplo dalgumas, se estabeleçam cathedras das demais linguas antigas, principalmente semiticas, e da sua literatura, como são de grande conta para os que se destinam ao magisterio das sagradas Letras.

26. E, porque estes hão de exercer o magisterio, é muito conveniente que tenham um conhecimento profundo e expedito da verdadeira arte critica, visto que se inventou, ainda mal e com damno da religião, um novo artificio, decorado com o titulo de *critica superior*, que, em vão, pretende demonstrar, exclusivamente com argumentos intrinsecos, como dizem, a origem, integridade e auctoridade de qualquer livro. Mas a verdade é que, tratando-se de questões historicas, para demonstrar a origem e integridade dum livro qualquer, maior valor tẽem os documentos historicos do que as razões intrinsecas, e são precisamente aquelles que mais convẽem investigar e discutir; que as razões intrinsecas não tẽem o mesmo valor e só se podem adduzir para confirmar as extrinsecas. Seguir-se-hão gran-

des inconvenientes procedendo doutro modo. Assim crescerá a audacia dos inimigos da religião em impugnar e destruir a authenticidade dos Livros sagrados; a chamada critica superior abrirá larga porta para que cada um siga a interpretação mais ao sabor dos seus desejos e prejuizos; não brilhará nas Escripturas a luz que se busca; não se deduzirá dellas doutrina alguma certa; ficará aberto largo caminho para aquella conhecida caracteristica do erro que é a variabilidade e a contradição no sentir, como já o demonstram os principes da nova critica superior; e porque muitos já estão eivados das ideias duma philosophia vã e racionalista, não se pejam de expungir dos Livros sagrados os milagres, as prophecias, numa palavra, tudo que pertence á ordem sobrenatural.

27. O interprete tem depois de haver-se com os que, abusando das sciencias phisicas e examinando minuciosamente os Livros sagrados, accusam os seus auctores de ignorantes daquellas sciencias e cobrem de vituperios os seus escriptos. E, como estas accusações versam sobre cousas sensiveis, tornam-se summamente perigosas, quando conhecidas dos indoutos e muito principalmente da mocidade estudiosa, que, se deixa de prestar fé a um só artigo da revelação divina, facilmente a rejeitará toda. É por demais sabido que as sciencias da natureza, se convenientemente estudadas são de

subida importancia para contemplar a gloria do creador supremo reflectida nas cousas creadas; preversamente infiltradas em intelligencias ainda tenras destroem os principios da sã philosophia e depravam os costumes. Será por isso de muita conta para o professor da sagrada Escriptura o conhecimento das sciencias naturaes, para que assim mais facilmente descubra e destrua os laços armados contra os Livros divinos.

28. Entre a theologia e as sciencias experimentaes não ha, certamente, desaccordo algum real, quando aquella e estas não ultrapassam a sua esphera, precavendo-se ambas com esta admoestação de Santo Agostinho: — «Nada se deve affirmar temerariamente, nem dar como conhecido o que é desconhecido» (1). Havendo discordancia entre aquellas sciencias e a theologia, de como se ha de haver o theologo dí-lo esta resumida norma de Santo Agostinho: — «Não collidem com o magisterio da Escriptura os factos scientificos devidamente comprovados; o que as sciencias da natureza oppõem como contrario áquelle magisterio deve ser tido na conta de meras hypotheses ou falsas affirmações» (2). Para devidamente ponderar

(1) In Gen. op. imperf. IX, 30.

(2) *De Gen. ad litt.* I, 21, 41.

a justeza desta norma devemos ter em vista que os agiographos, ou antes «o Espirito de Deus que os inspirou, não intentára instruir os homens ácerca da constituição intima do universo, como isto de nenhum proveito era para a salvação» (1). É por isso que os escriptores sagrados, pondo de parte a observação da natureza, vão direitos ao seu fim; e se, por vezes, descem a falar das cousas creadas, empregam o sentido metaphorico, servindo-se da linguagem vulgarmente usada naquelles tempos. Ainda hoje tal modo de dizer é frequente mesmo entre os sabios. Na linguagem vulgar, as cousas designam-se espontanea e propriamente como se apresentam aos sentidos. Assim procederam os agiographos: — «descrevem as cousas, diz o Doutor angelico, taes como sensivelmente appareciam» (2), ou então, o que o proprio Deus lhes significava, accomodando-se á linguagem humana e á capacidade dos mesmos escriptores sagrados.

29. Da necessidade de defender valorosamente a Escriptura santa não se conclue que devamos defender com o mesmo zêlo todas as interpretações que cada um dos Padres e commentadores deram aos logares biblicos. Conformando-se, na exposição

(1) S. Aug. ib. II, 9, 20.

(2) *Summa theol.* p. I, q. LXX, a. 1, ad 3.

dos textos que se referem a phenomenos physicos, com as ideias correntes no seu tempo, talvez caíssem em erro, perfilhando ideias que hoje não se admittem. Por isso, é de necessidade examinar attentamente quaes as cousas que ensinam como pertencentes á fé ou relacionadas com ella e quaes as que unanimemente professam, porque nas que não são de fé necessaria, diz S. Thomás, foi licito aos Santos e é licito a nós pensar de modo diverso (1). E noutro logar acrescenta com grande prudencia: — «Parece-me ser mais seguro não affirmar como dogmas de fé o que os philosophos commummente sentem e que não collide com a fé, nem tambem negá-lo como opposto á fé, para não darmos azo a que os sabios deste mundo rejeitem a doutrina revelada» (2). No emtanto, se bem que o interprete deva demonstrar que nas Escripturas, intendidas como devem sê-lo, nada ha que se opponha ao que os naturalistas affirmam como certo, esteja comtudo de sobreaviso, pois póde succeder que seja amanhã havido como duvidoso e até rejeitado como falso o que hoje é recebido como certo. Além disso, se os escriptores de sciencias experimentaes, ultrapassando os limites da sua esphera, invadirem o campo da philosophia, semeando nelle ideias erro-

(1) *In Sent.* II, dist. II, q. 1, a. 3.

(2) *Opusc.* X.

neas, deixe o theologo exegeta aos philosophos o encargo de as refutar.

30. Passemos agora á applicação destas considerações ás sciencias affins, e nomeadamente á historia. É para lamentar que muitos se exponham a grandes fadigas no estudo dos monumentos archeologicos, dos costumes e instituições dos povos, e doutros assumptos analogos, mas não raro com o proposito de descobrir erros nos Livros sagrados e enfraquecer a sua auctoridade divina. Outros ha que se dedicam aos mesmos estudos, mas com animo exageradamente hostile e criterio apaixonado. Confiam nos livros humanos e nos documentos da antiguidade, como se nelles não podera haver nem tenue sombra de erro, e negam credito aos Livros da sagrada Escriptura á mais leve apparencia de erro e sem o mais superficial exame.

Póde realmente admittir-se que nos codices escapassem algumas incorrecções, devidas á incuria dos copistas, mas isto deve ser maduramente considerado e só admittido nos logares onde o erro é evidente. Póde ainda admittir-se que seja duvidosa a genuina lição dalgum logar e para esclarecimento da qual são de grande monta as regras duma boa hermeneutica, mas nunca será licito ou restringir a inspiração unicamente a algumas partes da sagrada Escriptura, ou conceder que o auctor sagrado errou. Tambem não póde tolerar-se o expediente

daquelles que julgam desembaraçar-se de difficuldades, não hesitando em conceder que só são divinamente inspirados os pontos de fé e de moral, porque erradamente pensam que, quando se tracta de apurar a verdade dum conceito, não deve attender-se tanto ao que Deus disse como á razão por que o disse. E, na verdade, foram escriptos sob a inspiração do Espírito Santo todos os livros que a Igreja recebeu como sagrados e canonicos, com todas as suas partes; ora é impossivel que na inspiração divina haja erro, visto como a mesma inspiração só por si não sómente exclue todo o erro, senão tambem que o exclue tão necessariamente quanto necessariamente repugna que Deus, Verdade summa, seja auctor de erro algum.

31. Esta é a antiga e constante crença da Igreja, solemnemente definida nos Concilios de Florença e Trento, confirmada e mais desinvolvidamente declarada no Concilio Vaticano, neste decreto peremptorio: — *Devem ser recebidos como sagrados e canonicos todos os livros do Velho e Novo Testamento, com todas as suas partes, consoante vêm referidos no decreto do mesmo Concilio (tridentino) e como se contêm na antiga edição latina da Vulgata. A Igreja tem estes livros como sagrados e canonicos, não porque fossem compostos só por industria humana e depois approvados pela sua auctoridade, nem ainda sómente porque contêm*

doutrina revelada e verdadeira, mas porque, escriptos sob o influxo do Espirito Santo, tẽem a Deus como auctor (1). Nem se diga que o Espirito Santo se serviu de homens como de instrumentos para escrever, e que, por isso, os erros que por ventura haja nas Escripturas se devem attribuir não a Deus, auctor primario dos Livros santos, mas aos agiographos. De feito, assim como o Espirito Santo excitou e moveu os auctores sagrados a escrever, assim tambem lhes assistiu de modo que só escreveram, com pura intenção, fielmente e com verdade infallivel, tudo o que lhes ordenou que escrevessem e só isso, aliás não seria Deus o auctor de toda a Escriptura sagrada. Este foi o sentir constante dos Santos Padres. Pois que os agiographos, diz Santo Agostinho, só escreveram o que o Espirito Santo lhes inspirou, nunca se póde dizer que não foi Elle quem escreveu: os escriptores sagrados, como membros, só escreveram o que a cabeça lhes dictava > (2). E S. Gregorio Magno: «Ineptamente pergunta quem escreveu as Escripturas aquelle que firmemente crê que é o Espirito Santo o seu auctor. Escreveu esse que dictou o que se devia escrever; escreveu esse que inspirou a obra > (3). Deduz-se daqui, que pervertem a noção catholica de inspiração divina, ou

(1) Sess. III, c. II, *De revel.*

(2) *De consensu Evangel.* l. I, c. XXXV.

(6) *Praef. in Job.* n. 2.

convertem Deus em auctor de erro, os que julgam ser possível haver erros nos logares authenticos dos Livros sagrados. E tão profundamente arraigada era a crença de todos os Padres e Doutores de que as sagradas Letras, taes como saíram da penna dos agiographos, são absolutamente immunes de todo o erro, que procuram com igual engenho e piedade conciliar entre si os poucos logares (e são precisamente os que a nova critica argúe) que parecem encontrados e contradictorios; confessando unanimemente que aquelles livros, em toda a sua integridade e em todas as suas partes, são divinamente inspirados, e que, falando Deus pelos agiographos, nada podia inspirar que não fosse verdade.

Sirvam de lição para todos aquellas palavras que o mesmo Santo Agostinho escreveu a S. Jeronymo: — «Eu de mim confesso que da tua caridade aprendi a prestar unicamente aos livros das Escripturas, que ora denominamos canonicas, tal respeito e honra, que firmissimamente creio que nenhum dos seus auctores caíu, ao escrevê-los, na mais leve sombra de erro. E, se eu achar naquelles livros algo que pareça encontrar a verdade, não hesitarei em confessar ou que o codice não é fiel, ou que o interprete não alcançou o sentido do que estava escripto, ou que eu não logrei intendê-lo» (1).

(1) Ep. LXXXII, 1, *et crebrius alibi*.

32. Pugar vantajosamente com os recursos de todas as sciencias em prol da santidade das Escripturas empresa é muito superior ao que é justo esperar da industria dos theologos e interpretes. É por isso muito para desejar que tomem a peito tal empresa os sabios catholicos de reconhecida competencia e auctoridade. Nunca faltou á Igreja, mercê de Deus, e oxalá que sempre augmente para accrescentamento da fé, a gloria de taes talentos. É sobre toda a ponderação conveniente que sejam em maior numero e mais esforçados do que os inimigos da Biblia, os defensores da verdade, porque nada ha mais efficaz para persuadir o vulgo a render-lhe homenagem do que vê-la liberrimamente professada por homens eminentes em qualquer sciencia. Além disso, ficará quebrada a audacia dos nossos detractores, e certamente não ousarão affirmar com tanta petulancia que a sciencia é incompativel com a fé, ao verem que homens eminentes em sciencia prestam rendida homenagem á palavra de Deus.

E pois que tantos serviços podem prestar á religião aquelles a quem a summa benignidade de Deus concedeu a graça da fé catholica e o dom apreciavel do talento, nesta febre de estudos por qualquer modo relacionados com as Escripturas, escolham aquelle que mais se compadeça com as suas aptidões, e, versados nelle, sáiam a campo e repilham, que lhes vae nisso grande gloria, os ataques da sciencia indigna de tal nome.

Vem de molde para aqui e é-nos grato approvar a benemerita deliberação dalguns catholicos de crearem associações que subsidiem largamente e prestem todos os recursos a homens distinctos em sciencia, a fim de que cultivem aquelles estudos e promovam os seus progressos. Optimo, em verdade, e muito opportuno nas circumstancias actuaes, este emprego de dinheiro. Quanto menor for o subsidio que os catholicos podem esperar dos poderes publicos para o progresso dos seus estudos, tanto maior deve ser a liberalidade dos particulares; e saibam aquelles a quem Deus concedeu riquezas que bom uso fazem dellas convertendo-as em defesa do thesouro da verdade revelada.

33. Para que todos estes trabalhos redundem em grande proveito dos estudos biblicos, instem os eruditos nos principios que deixamos estabelecidos, e creiam firmemente que Deus, creador e governador supremo de todas as cousas, é tambem o auctor das Escripturas, e que, portanto, nada ha na economia do universo, nem nos monumentos historicos que possa contradizê-las. Se porém parecer dar-se tal conflicto, haja todo o cuidado em compô-lo, já recorrendo ao juizo prudente dos theologos e interpretes para apurar o que ha de verdadeiro ou verosimil no logar que se discute, já ponderando com novo cuidado as difficuldades que se adduzem. E não se deve levantar mão deste

trabalho sem que desapareça a minima sombra de conflicto, porque, sendo impossivel que a verdade se opponha á verdade, ou a interpretação das palavras do texto foi erronea ou a discussão delle mal dirigida. Se nenhuma destas hypotheses puder verificar-se, suspenda-se o juizo até que a verdade appareça. Muitas e graves accusações se levantaram, durante largo espaço de tempo, em nome das sciencias, contra as Escripturas; e todavia caíram como vãs em completo olvido; varios foram os sentidos dados a certos logares biblicos (salvo aos que propriamente pertencem á fé e á moral); e comtudo foram ao depois interpretados com mais justeza e propriedade. É que o tempo mata o erro, mas «a verdade vive sempre e cada vez com mais pujança» (1). Ora, assim como nunca houve ninguem tão soberbo que se arrogasse o pleno conhecimento de toda a Escriptura, quando o proprio Santo Agostinho confessava que era maior a sua ignorancia do que a sua sciencia da Biblia (2), assim tambem, se algum texto encontrarmos de mui difficil explicação sigamos a norma tão moderada como prudente do mesmo Doutor: — «Melhor é sentir o espirito angustiado ao contemplar signaes cuja significação não conhece, mas que são uteis, do

(1) III Esdr. IV, 38.

(2) Ad Januar. Ep. LV, 21.

que, interpretando-os inutilmente, libertar-se do jugo da submissão para se precipitar nos laços do erro» (1).

Se os que professam os estudos subsidiarios da Biblia seguirem discreta e fielmente estes Nossos conselhos e mandatos; se, escrevendo e ensinando, aproveitarem o fructo dos seus estudos na redução dos inimigos da verdade e em precaver a juventude contra os damnos da fé, então, alfim, poderão exultar de jubilo por dignamente servirem as sagradas Letras e prestarem á fé catholica um serviço tal como a Igreja tem direito a esperar da piedade e sciencia de seus filhos.

34. Estes são, V. I., os mandatos e exhortações que, obedecendo á voz de Deus, julgamos opportuno dirigir-vos ácerca dos estudos biblicos. Está da vossa parte agora procurar que sejam fielmente guardados e observados com o acatamento que é de justiça e de modo que brilhe cada vez mais a devida gratidão para com Deus por ter communicado ao genero humano os thesouros da sua sabedoria; e que a suspirada vantagem daquelles estudos redunde sobretudo em proveito da instrucção dos jovens aspirantes ao sacerdocio, pois são elles

(1) De doctr. chr. III, 9, 18.

objecto de grande sollicitude Nossa e a esperança da Igreja.

Com a vossa auctoridade e exhortações trabalhae com animo varonil, para que nos seminarios e academias sujeitas á vossa obediencia, os estudos biblicos tenham o logar de honra que lhe pertence e progridam.

Praza aos ceus que floresçam, sob a direcção da Igreja, segundo os salutaes documentos e exemplos dos Santos Padres e louvavel costume dos nossos maiores: que no decurso dos tempos alcancem taes incrementos que redundem em defesa e gloria da verdade catholica, divinamente revelada para salvação perenne dos povos.

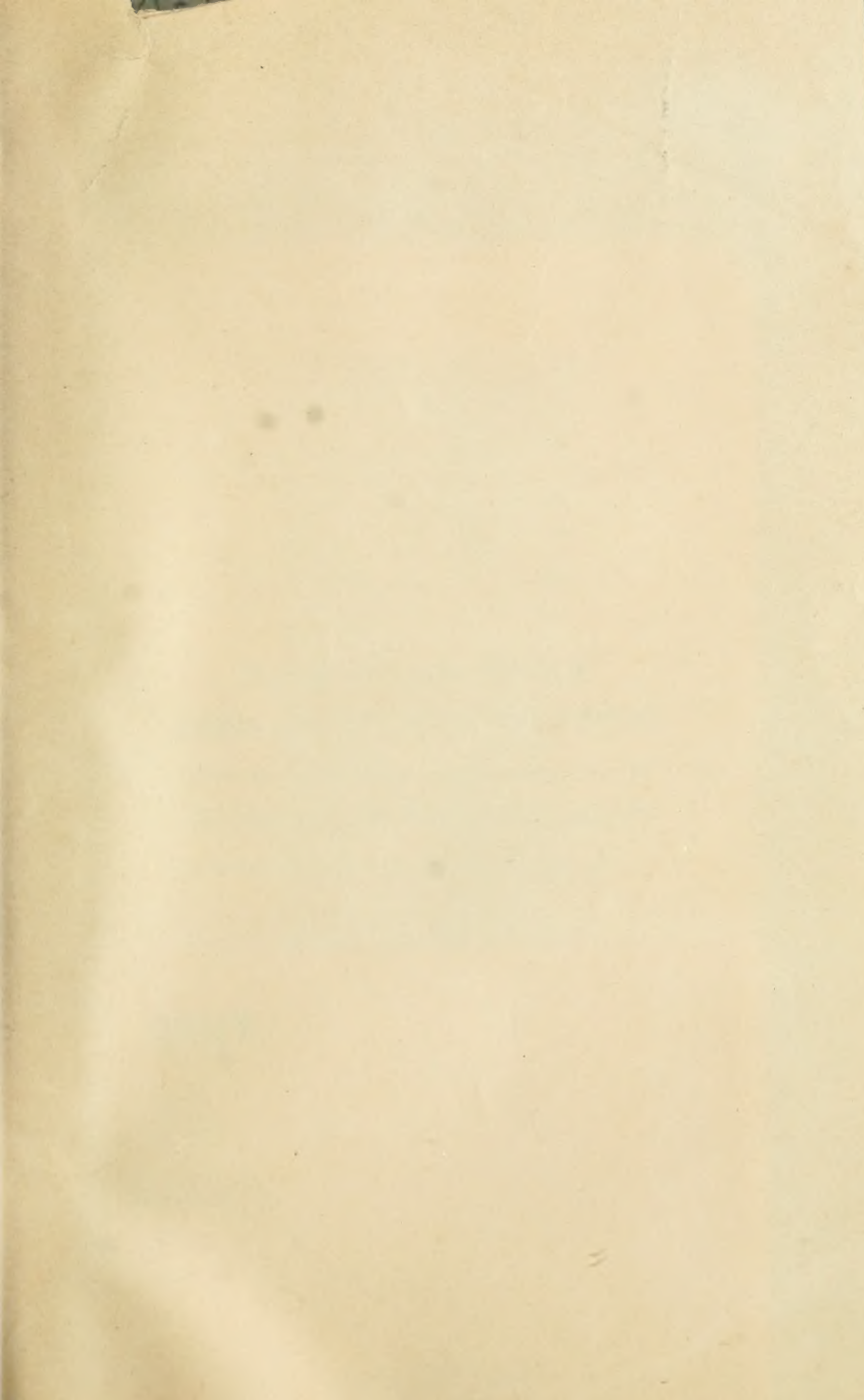
35. Exhortamos, finalmente, com paternal caridade, todos os alumnos e ministros da Igreja que estudem as sagradas Letras sempre com summo affecto, reverencia e piedade. Nunca se poderá lograr salutarmente, como é de necessidade, a intelligencia das Escripturas sem renunciar á soberba da *sciencia* terrena e perseverar no santo exercicio da sabedoria *que vem do alto*. Iniciada nesta sciencia, illustrada e fortalecida por ella, a intelligencia terá admiravel luz para conhecer e evitar o que ha de mau na sciencia humana e converter os seus solidos fructos noutros tantos meios de salvação eterna. E a alma inflammada em zêlo aspirará com mais vehemencia aos bens ineffaveis

da virtude e do amor divino: — *Bemaventurados os que investigam os testemunhos de Deus, e com todo o coração o buscam* (1).

Animado com a esperança do auxilio divino e confiado na vossa sollicitude pastoral, paternalmente concedemos no Senhor a benção Apostolica, penhor de dons celestes e testemunha da Nossa particular benevolencia, a vós, a todo o vosso clero e fieis.

Dada em Roma, em S. Pedro, aos XVIII de novembro de MDCCCXCIII, anno decimo sexto do Nosso Pontificado.

(1) Ps. XVIII, 2.





1710

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

Bx

0003516

01821379

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 06 01 04 002 1